

Conjugalidade e coparentalidade tardia

Conyugalidad y coparentalidad tardía

Conjugality and late coparenting

Daiana Quadros Fidelis¹

Denise Falcke²

Clarisse Pereira Mosmann³

^{1,2,3}Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Brasil

Resumo: Este estudo buscou compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira. Teve âmbito exploratório, descritivo e qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais, ambos com profissionais, filho primogênito de até um ano de idade e com mais de 35 anos. Como critério de exclusão, não poderiam ter realizado tratamento de fertilização. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista. Os resultados apontaram modificações nas relações conjugais e coparentais. O pai se mostrou presente durante a gestação e principalmente depois do nascimento do filho, dividindo as tarefas de cuidados e tarefas domésticas, refletindo altos níveis de acordo coparental e, boa qualidade conjugal. Os casais deste estudo ainda que com grande carga horária de trabalho se mostraram satisfeitos com seu emprego por terem flexibilidade, permitindo conciliar trabalho e parentalidade.

Palavras chave: conjugalidade, coparentalidade, gravidez tardia, casal de dupla carreira, pesquisa qualitativa

Resumen: Este estudio buscó comprender la transición de la conyugalidad a la coparentalidad tardía en parejas de doble carrera. Tuvo alcance exploratorio, descriptivo y cualitativo. Participaron cinco parejas heterossexuales, profesionales, hijo primogénito hasta un año de edad, y mujeres mayores de 35 años. Como criterio de exclusión, no podían haber hecho tratamiento de fertilización. Se utilizó un cuestionario sociodemográfico y una entrevista. Los resultados han señalado cambios en la conyugalidad y coparentalidad. El padre se mostró presente durante el embarazo y en especial después del nacimiento del hijo, compartiendo las tareas de atención, así como las tareas del hogar, lo que refleja los altos niveles de acuerdo coparental y una buena calidad conyugal. Las parejas de este estudio aunque con una alta carga horaria de trabajo, se mostraron satisfechas con su empleo por tener flexibilidad, lo que les permite conciliar trabajo y parentalidad.

Palabras clave: conyugalidad, coparentalidad, embarazo tardío, parejas de doble carrera, investigación cualitativa

Abstract: This study aimed to understand the transition from conjugality to late coparenting in dual career-couples. Five heterosexual couples in which women got pregnant after aging 35 years old, displaying professional activities, and having a firstborn child aged up to one year old participated in the study. Exclusion criterion was participants who have undergone any type of fertilization treatment. Instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The results point out changes in marital and coparenting relations. Fathers demonstrated to be collaborative throughout gestation period and mainly after child's birth, splitting care tasks with their wives, as well as home tasks, which were reflected in high levels of coparenting agreements articulated with good marital quality. Although the investigated couples demonstrated high workloads, the majority of them seemed satisfied about their jobs due to employment flexibility, thus parents were able to conciliate their career with parenting.

Key Words: conjugality, coparenting, late gestation, dual career couples, qualitative investigation

Recebido: 01/02/2017

Revisado: 21/06/2017

Aceito: 09/08/2017

Como citar este artigo:

Quadros Fidelis, D., Falcke, D., & Pereira Mosmann, C. (2017). Conjugalidade e coparentalidade tardia. *Ciencias Psicológicas*, 11(2), 189-199. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1490>

Correspondência: Daiana Quadros Fidelis. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rua Visconde de São Leopoldo, 80 – 93025-400 São Leopoldo, Brasil, e-mail: fidelisdaiana@gmail.com. Denise Falcke, e-mail: dfalcke@unisinos.br; Clarisse Pereira Mosmann, e-mail: clarissepm@unisinos.br

Introdução

A transição da conjugalidade para a coparentalidade é um momento de grande importância no ciclo vital familiar, pois demanda uma reorganização do casal, já que gera alterações na imagem de si, do outro e da própria relação (Prati & Koller, 2011). Esse momento do ciclo evolutivo vital, enfocando a parentalidade, vem sendo estudado no contexto nacional e internacional há mais de 30 anos e os resultados indicam a importância do apoio emocional entre os cônjuges nesse momento, assim como o envolvimento de ambos no processo (Dorsey, Forehand, & Brody, 2007; Teubert & Pinquart, 2010; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004; Piccinini, Gomes, Nardi, & Lopes, 2008; Menezes & Lopes, 2007; Lee & Doherty, 2007; Beltrame & Botolli, 2010). Especificamente acerca da transição para a coparentalidade, os estudos ainda são escassos. Sustenta-se a relevância de se estudar essa dimensão nesse processo, uma vez que, diferentemente da parentalidade, é um construto de natureza relacional entre os cônjuges/genitores.

A coparentalidade é entendida como uma partilha entre o casal no cuidado e nos deveres do(a) filho(a) (Feinberg, 2003). O subsistema coparental é formado com base em quatro dimensões: acordo ou desacordo nas práticas parentais, divisão do trabalho relacionado à criança, suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares.

Este constructo difere do relacionamento conjugal, pois não contempla os aspectos legais, românticos, sexuais, emocionais e/ou financeiros da relação conjugal, os quais não tem relação com os cuidados da criança (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), assim como é distinto da parentalidade, pois não se restringe aos estilos e práticas educativas do pai e da mãe em relação aos filhos (McHale et al., 2002).

Segundo a literatura, apesar de distinto da conjugalidade, os níveis de qualidade da coparentalidade decorrem da articulação entre características da relação conjugal e da parentalidade que resultarão na dinâmica coparental exercida entre os genitores (Morris, Hines, Mahmood, & Cordova, 2010). Nesse sentido, o apoio emocional entre os cônjuges tem sido destacado como de grande importância para a relação conjugal durante a gravidez, pois terá reflexos após o nascimento do bebê. Estudo nacionais (Menezes & Lopes, 2007)

e internacionais (Lee & Doherty, 2007), sustentam que altos níveis de qualidade conjugal, na transição para parentalidade, são essenciais, pois estão associados ao maior envolvimento do pai com os filhos. Ressalta-se que o estabelecimento dessa dinâmica deve ser anterior à transição, já que as dificuldades inerentes ao processo são inevitáveis.

Assim, identifica-se que é consenso na literatura a importância da conjugalidade na transição para coparentalidade e em consequência para o ajustamento psicológico das crianças e o funcionamento familiar (Dorsey et al., 2007; Teubert & Pinquart, 2010; Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010). Entretanto, esse subsistema precisa ser compreendido em um contexto atual de múltiplas demandas. Os casais, na atualidade, estão conciliando a vida pessoal, conjugal, familiar e profissional, o que acarreta em sobrecarga, consequência da multiplicidade de papéis (Lamela et al., 2010).

Questiona-se, então, como ocorre a transição da conjugalidade para a coparentalidade no contexto de dupla-carreira dos cônjuges, que estão trabalhando em turno integral (Heckler & Mosmann, 2014). Demandas da vida pessoal, conjugal, profissional e também os cuidados com os filhos geram desafios e sobrecargas (Aryee, Srinivas, & Tan, 2005; Demerouti, Bakker, & Schaufeli 2005) caracterizando um dos maiores desafios na vida das famílias de dupla carreira, o que tem levado muitos casais a adiar a maternidade/paternidade.

Há estudos indicando que muitas mulheres estão postergando ter filhos, pois querem primeiro se estabilizar financeiramente, focadas em solidificar a carreira e obter sucesso profissional para, depois, pensar em engravidar. Esta prorrogação da maternidade é feita até que se tenha a condição que o casal considera apropriada para esta responsabilidade ou, até mesmo, a opção pela não maternidade (Grzywacz, Almeida, & McDonald, 2002).

O adiamento da maternidade/paternidade também tem ocorrido por opções não referentes à vida profissional, como mostra a pesquisa feita por Ronchi e Avellar (2011). Os resultados indicaram que a decisão por ter filhos mais tarde foi tanto da mulher quanto do homem, vinculada ao desejo de realizar outros planos antes de ingressar na parentalidade. Dentre as causas para as gestações tardias, acima dos 35 anos, destaca-se a extensa disponibilidade de métodos contraceptivos, o tardar do matrimônio, a maior incidência de divórcios, a vontade de alcançar um nível educa-

cional e profissional mais elevado, de conquistar segurança e independência financeira, de realizar sonhos, desfrutar de viagens e entretenimento e o aprimoramento de técnicas de fertilização artificial (Zavaschi, Costa, Brunstein, Kruter, & Estrella, 1999; Schupp, 2006).

No estudo de Bauer e Kneip (2013), a tomada de decisão por filhos tardiamente entre casais esteve associada à consonância de desejos dos dois parceiros. Estudos indicam que essa sintonia se associa à bons níveis de qualidade conjugal que trazem maiores níveis de ajuste coparental após o nascimento do filho (McHale & Rotman, 2007; Vanalli & Barham, 2012). Esse ajuste aparece na literatura também associado ao maior envolvimento paterno nesse contexto de múltiplas demandas (Piccinini et al., 2004; Beltrame & Botolli, 2010). Os resultados indicam que os cônjuges relatam prestar apoio emocional e material às suas esposas durante a gravidez e as mesmas revelam satisfação. Devido à grande jornada de trabalho, os cônjuges acabam tendo pouco tempo de lazer com os filhos, mas avaliam demonstrar-se afetivos e dizem que, quando estão presentes, compartilham com suas esposas as responsabilidades pelas crianças.

Embora a participação masculina nos cuidados com os filhos e nas tarefas do lar seja cada vez mais equilibrada com o envolvimento feminino (Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), as mulheres ainda se dedicam duas vezes mais que os homens a cuidar das crianças, lavar e passar roupas, fazer compras no supermercado, limpar a casa, entre outros. (Baxter, Hewitt, & Haynes, 2008; Hernandez & Hutz, 2010; Vanalli & Barham, 2012). Questiona-se se, atualmente, a opção pela gestação após os 35 anos, com os cônjuges já estabilizados profissionalmente, pode ocorrer em um ambiente em que ambos possam dispor de mais tempo para o compartilhamento de tarefas após o nascimento dos filhos. Além disso, o suporte por parte do local de trabalho torna-se fundamental.

Os resultados de Oliveira, Galdino, Cunha e Paulino (2011) que analisaram qualitativamente a experiência da gravidez em mulheres após os 35 anos mostram que já consolidadas financeiramente e em uma união conjugal estável, essas mulheres puderam escolher diminuir sua carga horária de trabalho e tiveram condições de estar mais perto dos seus filhos. Os resultados do estudo de Cruz e Mosmann (2015) que objetivou compreender as percepções de casais sobre sua relação conjugal

na transição para parentalidade no contexto de gestação planejada, corroboram essa perspectiva. Os casais relataram que o tempo de relacionamento anterior à parentalidade e o fato de já terem realizado seus planos acadêmicos e profissionais foram fundamentais para que ambos estivessem mais disponíveis e o processo de transição ocorresse de forma menos desgastante para o casal.

Por outro lado, alguns estudos relatam que as dificuldades no processo de transição para a coparentalidade seriam as mesmas do que em gestações de casais antes dos 35 anos, associadas ao cansaço físico devido às poucas horas de sono, agregadas às tarefas domésticas e, também, uma diminuição do investimento na carreira profissional, que implica em alto custo financeiro. Além disso, destaca-se o desgaste na relação conjugal desses casais que demoram mais para ter filhos, pois muitas vezes, viveram um tempo significativo somente entre eles, se ressentindo mais por passar menos tempo a dois, o que se reflete na sexualidade (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

Identifica-se que as implicações emocionais decorrentes desse contexto de gestação acima dos 35 anos e dupla-carreira na transição da conjugalidade para a coparentalidade ainda necessitam mais estudos nacionais. Considerando esse cenário de transformações, buscou-se investigar a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira.

Materiais e Métodos

Delineamento

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória.

Participantes

Participaram deste estudo cinco casais heterossexuais com filho primogênito, concebidos por mulheres com mais 35 anos, ambos com atuação profissional e residentes na região metropolitana de Porto Alegre. O número de cinco casais foi definido pela dificuldade encontrada de acessar casais que preenchessem os critérios de inclusão da amostra e que se sentissem à vontade para falar de suas vivências, uma vez que muitas mulheres após os 35 anos já passaram por tentativas de engravidar, as quais não foram bem sucedidas,

gerando desconforto para elas. Foram critérios de inclusão: cônjuges que estivessem casados, ou morando juntos há, pelo menos, dois anos; tivessem apenas um filho de até um ano de idade; exercessem dupla carreira. Como critérios de exclusão, os participantes não poderiam ter passado por nenhum tipo de tratamento de fertilização, já que se buscava investigar casais que optaram pela gestação após os 35 anos, não sendo decorrência de nenhum impedimento biológico.

Como mostrado na tabela 1, os participantes apresentaram idades entre 33 a 56 anos, com carga horária de trabalho a partir de 35 horas semanais. Com relação a escolaridade dos casais, dois concluíram o ensino médio, quatro possuem ensino técnico e quatro, graduação. Em relação ao estado civil, apenas um casal não está em união estável ou casado, apenas morando junto. Dos cinco casais participantes, três deles as mães encontravam-se em licença maternidade, e conseqüentemente as crianças estavam sob seus cuidados. Os outros dois casais, as crianças já frequentavam a escola.

Procedimentos éticos e coleta de dados

Após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética da Universidade sob parecer número 15/231 se deu início a coleta de dados. O processo de seleção dos participantes foi feito por conveniência. Os participantes foram contatados e convidados a participar da pesquisa, o casal assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e respondeu a entrevista realizada pela pesquisadora.

Instrumentos

- *Questionário de Dados Sociodemográficos.* Desenvolvido pelas autoras da pesquisa, buscou a obtenção de informações sobre a família, como nível de escolaridade, tempo de relacionamento, informações profissionais.

- *Entrevista sobre coparentalidade.* A entrevista semiestruturada sobre coparentalidade contém 31 questões e contempla os seguintes eixos: Conjugalidade, Compartilhamento de

Tabela 1.
Caracterização Familiar

	Casal 1		Casal 2		Casal 3		
	Paula	César	Maria	Júlio	Letícia	Marcos	
Idade	39	38	35	33	36	35	
Escolaridade	Superior	Técnico	Superior	Superior	Técnico	Técnico	T
Profissão	Professora	Técnico em enfermagem	Psicóloga	Bancário	Analista de RH	Eletrotécnico	Téc enfi
Carga horária de trabalho	40h semanais	60h semanais	40h semanais	40h semanais	50h semanais	45h semanais	60h
Traz trabalho pra casa	Sim	Não	Não traz mais	Não	Não traz mais	Não	
Estado civil	União estável		Casado		União estável		
Tempo de casamento	8 anos		13 anos		9 anos		
Número de filho(s)	1 filho		1 filho		1 filho		
Idade do(s) filho(s)	4 meses		3 meses		7 meses		
Ingresso na escola	-		-		-		
Quanto tempo	-		-		-		
Turno	-		-		-		
Rede de apoio (auxílio doméstico)	Sim, quinzenalmente		Não		Sim, semanalmente		

Continuação tabela 1.
Caracterização Familiar

	Casal 4		Casal 5	
	Célia	Renato	Júlia	Roberto
Idade	38	49	46	56
Escolaridade	Técnico	Ensino médio	Superior	Ensino médio
Profissão	Técnica em enfermagem	Fiscal Operacional Segurança	Funcionária pública	Comerciante
Carga horária de trabalho	60h semanais	50h semanais	35h semanais	45h semanais
Traz trabalho pra casa	Não	Não	Não traz mais	Não
Estado civil	Casado		Morando junto	
Tempo de casamento	8 anos		10 anos	
Número de filho(s)	1 filho		1 filho	
Idade do(s) filho(s)	1 ano		1 ano	
Ingresso na escola	Sim		Sim	
Quanto tempo	15 dias		3 meses	
Turno	Tarde		Manhã/Tarde	
Rede de apoio (auxílio doméstico)	Sim, mensal		Sim, duas vezes por semana	

Cuidados, Engajamento em atividades com a família e Carreira. Foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento -NIEPED-, 2006) e adaptada para contemplar o objetivo do presente estudo.

Procedimentos de análise dos dados

Utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Minayo (1994), é um procedimento de análise de dados que visa examinar a comunicação com o intuito de obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens. As entrevistas gravadas e transcritas foram submetidas à análise de conteúdo, e as categorias definidas de forma mista, *a priori* e *a posteriori* (Franco, 2005). As categorias *a priori* foram baseadas na entrevista

sobre coparentalidade e as *a posteriori* emergiram das entrevistas.

Resultados e Discussão

A estrutura das categorias e subcategorias utilizadas estão apresentadas na tabela 2. As falas dos participantes foram transcritas na íntegra e discutidas à luz do referencial teórico proposto na introdução.

Tabela 2.
Estrutura das Categorias e Subcategorias

Categorias	Subcategorias
Conjugalidade	Antes do nascimento do Filho(a)
	Após o nascimento do Filho(a)
Coparentalidade	Compartilhamento de tarefas relativas ao filho(a)
	Compartilhamento de tarefas domésticas
Dupla – Carreira/ Duplo – Trabalho	

Conjugalidade

Esta categoria aborda conteúdos referentes a como os casais se relacionavam antes e após da maternidade/paternidade, sua dinâmica conjugal, e as transformações após o nascimento do filho(a).

Antes do nascimento do filho(a)

Antes do nascimento do filho(a) Paula e César relatam que saíam bastante, eram ativos e participavam de um grupo de moto. Corroborando essa ideia, Maria fala “É bem aquela coisa de rotina mesmo, que mudou. Vamos sair de noite? Vamos, sem paradeiro, sem dar satisfação” (Maria, casal – 2).

Célia e Renato confirmam essas ideias ao indicar que, antes de ter a sua filha, o casal focava em seus interesses, eram ativos e gostavam de viajar.

Essas falas vão ao encontro dos resultados da pesquisa feita por Ronchi e Avellar (2011), que apontaram que os casais atualmente desejam realizar outras atividades antes de ingressar na parentalidade, desfrutar de sua liberdade, realidade que também vivenciaram os casais do presente estudo.

Por outro lado, Maria e Júlio dizem que antes da gestação sua dinâmica não era muito diferente, que o que mudou foram questões da rotina, que agora é mais organizada, como expressam as falas: “Não sei se muito diferente do que a gente é agora, na verdade, em termos de nível de relacionamento é basicamente a mesma coisa” (Júlio, casal – 2).

Cabe ressaltar que apesar dessas mudanças apontadas pelos cônjuges na transição da conjugalidade para coparentalidade, isso não se expressou em divergências e conflitos. Esse resultado corrobora as pesquisas de Menezes e Lopes (2007), e de Lee e Doherty (2007), em que os resultados mostraram que altos níveis de qualidade conjugal, na transição para parentalidade, são essenciais, para que se mantenha a satisfação com o relacionamento, apesar das dificuldades inerentes a esse processo. Entretanto, o estabelecimento dessa dinâmica deve ser anterior à transição.

Os casais do presente estudo já experimentavam bons níveis de satisfação conjugal antes do nascimento dos filhos, com conflitos inerentes a qualquer relacionamento a dois: “Era bom, era brigando, mas era bom” (Roberto, casal – 5). Após, ocorrem conflitos esperados, mas que não impactam de forma significativa na satisfação conjugal: “De vez em quando acontece uma briguinha ou

outra, mas isso é normal, mas fora isso tá sempre bem” (Marcos, casal – 3).

Após o nascimento do filho(a)

Além de não relatarem altos níveis de conflito, os casais referem maiores níveis de satisfação após o nascimento do filho(a). Paula e César dizem que estão mais unidos após o nascimento do filho, experimentando maiores níveis de satisfação conjugal. Paula justifica que agora eles têm que trabalhar unidos cuidando do filho, assim que tiveram a notícia da gravidez a união ficou mais sólida e seu marido está mais atento a ela, como a mesma relata:

“É porque a gente tem que trabalhar junto, cuida dele junto, então eu acho que a gente está mais unido ainda, a partir da hora que a gente ficou sabendo que eu estava grávida, e ele começou a prestar mais atenção em mim né, cuida mais de mim, e isso a mulher gosta né, então acho que deu uma boa crescida no relacionamento.” (Paula, casal – 1).

Maria e Júlio argumentam que sua vida conjugal está bem, que sempre que podem conseguem sair e se distrair: “Dentro do tempo que a gente consegue ficar junto, tá tudo bem, quando dá as avós estão por perto, a gente consegue deixar ela pra dar uma voltinha e tal” (Júlio, casal – 2).

Seguindo nesta mesma direção, Célia e Renato dizem que após o nascimento da filha estão com mais tarefas, mas se sentem satisfeitos com esta dinâmica nova: “Olha... tá bem mais tumultuada, mas dá um sentimento que está completa” (Célia, casal – 4). Estes dados vão ao encontro do estudo de Bossardi (2011) que quanto mais satisfeito com o relacionamento conjugal, mais o pai se envolve com cuidados básicos com os filhos, o que retroalimenta positivamente a dinâmica conjugal e familiar.

Por outro lado, Roberto indica que a mudança foi significativa na conjugalidade, especialmente a vida sexual ficando restrita em função da falta de tempo e do cansaço: “Nossa, era muito intenso assim o negócio, era bem intenso, a gente tinha uma vida nossa bem diferente e hoje é quando da né, quando dá, quando não tá cansado” (Roberto, casal – 5).

As falas de Leticia e Marcos corroboram o casal anterior e descrevem que a vida sexual após o nascimento da filha está “parada”, pois em alguns momentos a filha acorda e necessita de cuidados,

como relatam: “Tá meio parado né amor? A gente namora quando dá, e também é difícil da gente sair” (Leticia, casal – 3).

Este período de transição é significativo no ciclo vital familiar pois gera alterações na imagem pessoal, do outro e da relação. Assim os cônjuges que antes podiam dispor de suas vidas e desejos, agora precisam se reorganizar e estabelecer novos papéis (Prati & Koller, 2011).

Observa-se que os casais relataram mudanças expressivas na conjugalidade, e para alguns essa transformação aparece de forma mais incisiva, trazendo mais repercussões negativas. Isso porque o espaço conjugal é o que sofre mais restrições, especialmente para esses casais que, por escolha, demoraram mais para ter filhos. Muitas vezes, viveram um tempo significativo somente entre eles. Assim, alguns casais se ressentem mais por passar menos tempo enquanto casal, o que se reflete na sexualidade e para outros não, a coparentalidade parece ter aproximado mais o casal, produzindo um sentimento de união no relacionamento a dois (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

Coparentalidade

Esta categoria abrange questões relativas ao compartilhamento nos cuidados com o filho(a). Ao contrário da relação conjugal, a relação coparental é triádica, pois envolve o par parental e o filho(a) estabelecendo uma dinâmica específica (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

Paula e César expressam que dividem as tarefas relacionadas ao filho, não sobrecarregando um ou outro, como evidenciam as falas a seguir:

“Eu dou mamá, ele pega, faz arrota, ou então ele dá banho e eu arrumo a cama, a gente tá bem dividindo nessa etapa assim não deixando tudo de um lado, se um vê que o outro tá cansado, pega o bebê e toma conta, e vai dormir, como ele fez quando ele chegou hoje, ele viu e ficou com o bebê e eu fui dormir, então estamos dividindo” (Paula, casal – 1).

Leticia e Marcos corroboram essa fala e dizem estar dividindo as tarefas em relação à filha, conforme o tempo que cada um dispõe:

“É porque assim, [...] ele coloca roupa dela pra lavar e dobra roupa dela, às vezes eu coloco, às vezes eu dobro, ele fica com ela pra mim poder tomar banho, para mim comer, eu fico com ela, a única coisa assim que eu faço é a parte de dá

banho e fazer a troca, mas o resto ele participa” (Leticia, casal – 3).

Célia e Renato também dividem as tarefas em relação à filha, mas referem que já faziam isto desde o início do relacionamento, antes do nascimento da filha: “Se chega em casa e não conseguiu lavar a louça eu vou dar um jeito de lavar a louça, vou esperar a Lara dormir vou lá e adianto o serviço” (Renato, casal – 4). “É desde o início, sempre dividimos tudo, se eu não tive tempo de dar banho nela ele dá, tranquilamente” (Célia, casal – 4).

Maria e Júlio dizem não ter tarefas específicas de cada um, o que é mais específico é em relação à noite, que durante a semana Maria assume, e nos finais de semana Júlio toma conta da filha:

“[...]Olha, a gente não tem tarefas específicas de um ou específicas de outro, a única coisa que a gente tem mais específico são as madrugadas durante a semana por causa do meu trabalho, aí [...] nas madrugadas da semana ela cuida e nas madrugadas que não estão relacionadas que no dia seguinte não é dia útil aí eu dou uma folga pra ela, mas o resto das atividades com ela são bem divididas assim, na verdade é quem tá com ela no momento, pra não ficar tudo um no outro” (Júlio, casal – 2).

Em relação às tarefas de buscar e levar o filho(a) ou ir a médicos, os casais também têm uma organização que, em alguns casos, envolve a família extensa. No caso de Renato, que não tem como levar a filha para escola, pois está trabalhando, Célia assume este papel e quando Renato está em casa, sempre busca a filha: “Quanto ao levar, ele não tem como, porque ele tá trabalhando daí sempre é eu que levo com o apoio do meu pai e da minha mãe e pra buscar se ele está em casa ele vai” (Célia, casal – 4).

Roberto e Júlia são bem flexíveis, quando um não pode buscar, o casal se comunica. Já o casal Marcos e Leticia, em relação a levar e buscar a filha na vó, os dois fazem juntos.

Como podemos perceber, os casais mostram apoiar um ao outro nas tarefas em relação ao filho (a), havendo uma divisão entre os cônjuges. Chama atenção que a maior parte das questões coparentais relatadas pelos casais, referem-se a tarefas com os filhos. Isso provavelmente expressa o momento do ciclo vital, com filhos ainda muito pequenos, não havendo demanda para expressão de outras dimensões coparentais. A literatura indica que o apoio coparental entre os cônjuges se

expressa também em maiores níveis de satisfação conjugal e tem repercussão mais significativa do que cônjuges que dividem apenas as tarefas domésticas, mas não às tarefas relativas aos filhos (Piccinini et al., 2004; Beltrame & Botolli 2010). Dessa forma, a coparentalidade é de grande importância, compreendendo o equilíbrio entre o envolvimento paterno e materno, para a qualidade desse processo de transição.

Compartilhamento de tarefas domésticas

Essa subcategoria abrange como os casais tem dividido as tarefas domésticas após o nascimento do filho(a), ressaltando um processo igualitário. Paula diz que César realiza muito e até mesmo na gestação já fazia, por já ter perdido um bebê, a mesma estava com algumas limitações e com a barriga já grande, mas sempre que podia e pode faz.

“Quando estava grávida, eu não estava fazendo nada aqui dentro, ele estava fazendo tudo, o que eu podia eu fazia, porque estava bem grande a barriga e eu estava com muitas limitações, mas é dividido realmente” (Paula, casal – 1).

Marcos fica com os afazeres da comida, e responsável pela cachorra que o casal tem, enquanto Letícia toma conta da filha e da limpeza da casa:

“Ele lava louça de noite, arruma o café e eu fico com ela, ele tem a responsabilidade da cachorrinha dele, e eu fico com a Rafa, a limpeza assim da casa eu faço, eu varro, eu passo pano tiro pó, a gente tem uma pessoa que ajuda, mas no dia-a-dia a gente divide” (Letícia, casal – 3).

Célia e Renato também contam com ajuda de uma secretária do lar, mas relatam que no dia-a-dia os dois dividem: “Tem uma moça que vai uma vez por mês que faz a faxina pesada mesmo, mas no dia-a-dia é nós dois” (Célia, casal – 4).

Em relação às tarefas domésticas, Maria e Júlio dizem dividir bem também, que nos momentos que um está assumindo a Mariana ou outro aproveita para fazer alguns afazeres domésticos: “Quem não tá com a Mariana (risos), normalmente a gente vai dividindo assim, eu mais louça e roupa, ela mais passar pano essas coisas assim, também é meio revezamento assim” (Júlio, casal – 2).

Diferentemente dos outros casais, que contam com apenas algum auxílio nas tarefas domésticas, Júlia e Roberto tem ajuda em tempo integral. Uma babá cuida da filha diariamente e realiza também tarefas domésticas, e uma secretária do lar duas vezes por semana, que deixa tudo organizado, até

mesmo a comida, pois Júlia diz não saber cozinhar, como representa a falar a seguir:

“Sem contar que eu nem sei né, nem sei fazer comida. Daí ela deixa comida pronta e eu esquento e sirvo as coisas que têm, e dou comida pra ela... Então assim, de casa a gente não tem tanta coisa” (Júlia, casal – 5).

Identifica-se que os homens de alguns casais desse estudo se empenham em igualdade às mulheres na tarefas do lar, em contraponto ao postulado por alguns autores (Baxter et al., 2008; Hernandez & Hutz, 2010), que relataram que, apesar do homem estar colaborando mais nas tarefas de casa, as mulheres ainda se dedicam duas vezes mais para cuidar das crianças, lavar e passar roupas, fazer compras no supermercado, limpar a casa, etc. Entretanto, ressalta-se que o mais recente desses estudos é do ano de 2010, inferindo-se mudanças nesses processos ao longo do tempo.

A maior participação dos homens nas tarefas domiciliares é um preditor da satisfação conjugal (Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), o que pode estar associado aos bons níveis de qualidade conjugal relatado pelos casais desse estudo, somado aos bons níveis de coparentalidade experimentados. Por outro lado, alguns casais, quando perguntados se algumas das atividades já geraram algum conflito, afirmaram que sim coincidindo com os autores Vanalli & Barham (2012), que as mulheres ainda sentem que contribuem mais que os homens nas tarefas de casa e reportam sobrecarrega.

Letícia diz que já houve, pois se considera “briguenta” e quer as coisas depressa e se sente por vezes sobrecarregada:

“Já gerou [conflito], a gente já brigou por causa das tarefas, eu sou muito briguenta, Porque eu acho que ele poderia ajudar um pouco mais ou ser mais ágil na execução da tarefa. E eu sou nervosa né, eu quero as coisas pra ontem, e aí às vezes dá conflito por isso né” (Letícia, casal – 3).

O casal Célia e Renato dizem ter alguns conflitos, mas que resolvem conversando. “Sim, sempre tem um comentário, sempre eu que faço isso ou tipo, faz tu então um pouco e não fica dizendo pra eu fazer! (Risadas) Mas a gente sempre conversa depois e nos acertamos” (Célia, casal – 4).

Esses relatos evidenciam que as mulheres tendem a demandar que os homens façam as tarefas à sua maneira e ao seu tempo, o que pode terminar gerando conflitos. Entretanto, nos casais desse estudo, essas questões são conversadas

e resolvidas, o que segundo Vanalli & Barham (2012), impacta positivamente na relação conjugal. As falas a seguir evidenciam essa dinâmica: “A gente se comunica, um põe a mesa, o outro vai lá e tira” (Paula, casal – 1). “Eu acho que não foi nada muito ensaiado antes, foi surgindo as coisas e foi indo meio que automático tem dias que eu tô super cansada, que eu não consigo nada assim, e ele me apoia totalmente” (Célia, casal – 4).

Quando perguntado como os cônjuges se sentem delegando tarefas um ao outro, não mostrando ter dificuldades e se mostram satisfeitos: “É uma coisa tranquila pra gente” (Paula, casal – 1).

Identifica-se que a maior parte dos homens, desse estudo, mostraram-se participativos nas tarefas do lar. Para estes casais, a divisão foi ocorrendo naturalmente e fazem na medida que tem tempo, embora para alguns casais gere pequenos conflitos, parece estar havendo uma divisão relativamente igualitária e se mostraram satisfeitos.

Dupla – Carreira / Duplo – Trabalho

Esta categoria contempla a carreira dos casais e as repercussões do nascimento do filho(a) que passaram a demandar mais flexibilidade para fazer frente às exigências. Alguns casais têm trabalhos que os exigem significativamente e relatam isto nas falas a seguir:

“No meu trabalho, eles exigem bastante, tem muito trabalho. Então às vezes se tu estiver dispersa e acaba não dando conta e acaba esquecendo das datas, prazos e alguma coisa que é importante que deveria ser feito e tu acaba não fazendo” (Leticia, casal – 3).

“O meu é bem assim, como dizer, tem emoção e tem de tudo, porque trabalho na emergência, mas deixo tudo lá, mas sempre acaba ficando algo, quando é criança mexe com a gente” (César, casal – 1). “Assim, [...] eu estou pensando em mudar de trabalho, porque eu já estou perto de me aposentar eu quero uma coisa menos estressante, mais tranquila que não me absorva muito. Porque eu quero ter mais tempo pra família também [...]” (Renato, casal – 4). “[...] ah eu tenho 30 e poucos funcionários né, então, cada dia é um pepino, é um problema, é um... eu me estresso muito” (Roberto, casal – 5).

Alguns autores consideram que toda essa sobrecarga do trabalho profissional, pode ocasionar falta de energia ou fadiga implicando na motivação em outros papéis, como o familiar e domiciliar (Aryee et al., 2005; Demerouti et al., 2005).

O equilíbrio entre a vida profissional e familiar ainda é um dos maiores desafios na vida das famílias de duplo-emprego ou de dupla carreira, segundo a literatura (Grzywacz et al., 2002). As falas a seguir evidenciam essas repercussões:

“Nas atividades domésticas pra mim influencia, porque eu me sinto desanimada, eu não tenho coragem às vezes de fazer as coisas que tem pra fazer, antes da Rafa, eu fazia as coisas sozinha chegava do trabalho e fazia, limpava a casa, às vezes ele chegava do curso 22h/23h e eu ainda tava faxinando e hoje em dia eu não tenho mais essa disposição de fazer” (Leticia, casal – 3).

“Eu acho que sim, não tanto o trabalho do hospital, mas o de cuidadora, como sou uma das responsável então eu tenho que ficar muito tempo no celular, fazendo escala da semana, resolvendo estes imprevistos de última hora às vezes isso é muito desgastante, a minha filha quer atenção. O Pedro também já reclamou várias vezes que eu fico só no telefone, agora eu tenho me policiado mais e quando necessário eu peço mais respeito né” (Célia, casal – 4).

Nota-se nas falas anteriores que, com a chegada dos filhos, muda a dinâmica entre o trabalho e as tarefas do lar, já que o cuidado da criança é prioridade. O cansaço faz com que as tarefas domésticas, por exemplo, fiquem em segundo plano.

Nesse contexto, o apoio por parte do local de trabalho pode diminuir o estresse e também funcionar como aproximação dos papéis profissionais e familiares, promovendo a flexibilidade e a ajuda para esta integração. Os estudos de Barnett (1998) e de Jacobs e Gerson (2004) ressaltam que perceber o apoio do supervisor em relação a questões familiares, mesmo que informal, tem uma repercussão na redução do conflito entre o profissional e familiar, como podemos notar nas falas a seguir.

“O dele é bem mais tranquilo que o meu neste sentido, teve um dia que a Lara, ficou doente, e ele teve que ficar em casa com ela, pois eu não podia, tenho uma jornada dupla, então o dele é mais flexível que eu neste sentido” (Célia, casal – 4).

Além disso, identifica-se que alguns casais, como Júlio e Leticia, após a maternidade/paternidade, diminuíram sua carga horária de trabalho, optando em não trazer mais trabalho para casa, assim podendo passar mais tempo com o seu filho(a). Esse dado evidencia os achados da pesquisa de Oliveira et al. (2011) que já estabilizados financeiramente e em uma união conjugal sólida,

os casais puderam escolher diminuir sua carga horária de trabalho para ter condições de estar mais perto dos seus filhos.

“Pra mim influenciava bem mais antes da Mariana nascer, porque eu demorava muito mais pra desligar, depois que a Mariana nasceu pra mim zerou bastante coisa nesse sentido assim [...] Atualmente chego e a chave já tá desligada, porque ela já exige atenção e também a parte de gostar de tá com ela de brincadeira” (Júlio, casal – 2).

Estes resultados evidenciam que os casais têm uma grande carga de trabalho semanal, e que alguns deles deixaram de trazer tarefas para casa para se dedicarem cada vez mais aos filhos, mudando sua relação com o trabalho, assim identificamos que, apesar de o trabalho ser desgastante, eles estão satisfeitos por terem uma flexibilidade, como mencionado acima. Embora o exercício profissional seja imprescindível à sustentação econômica da família, as obrigações familiares se impõem, demandando flexibilidade para a adaptação.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira, o que considera-se ter sido alcançado. Entretanto, salientamos que os achados devem ser compreendidos considerando as características socioeconômicas e culturais da amostra investigada.

Nesse contexto, os resultados indicam transformações nas relações conjugais e coparentais. Especialmente, ressalta-se que os pais do presente estudo se mostraram significativamente envolvidos no desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos, característica, antigamente, mais atribuída às mulheres. Além disso, os mesmos demonstraram participação que se iniciou já durante a gestação, sendo incrementada após o nascimento, dividindo os cuidados da prole com a esposa. Esta divisão mais igualitária das tarefas referentes aos filhos e ao lar demarcam a importância de altos níveis de acordo coparental que se refletem em bons índices de qualidade conjugal. Também é importante salientar que o fato dos filhos ainda serem pequenos, faz com que algumas dimensões da coparentalidade não sejam visíveis, o que provavelmente se expressará com o passar dos anos, em repercussão às demandas educativas e o cotidiano da relação triádica.

Na transição da conjugalidade para a coparentalidade, os casais do presente estudo sofreram mudanças em sua rotina, antes da maternidade/paternidade eram mais ativos sexual e socialmente, mas isso não acarretou conflitos significativos entre eles. Por outro lado, diferente do postulado pela literatura, alguns casais percebem-se mais satisfeitos na conjugalidade após o nascimento do filho, devido a sensação de união promovida pelo exercício da coparentalidade. Ressalta-se que os casais desse estudo têm filhos menores de um ano de idade, período de necessidade intensa de cuidados, o que talvez promova esse maior apoio e suporte coparental.

Chama atenção a grande carga horária de trabalho dos participantes do estudo e o fato de que a maior parte deles não contar com expressivo auxílio, seja da família extensa ou de profissionais, e ainda assim não reportaram queixas significativas de sobrecarga ao ter que conciliar a carreira e a maternidade/paternidade. Nesse processo, a flexibilidade por parte do trabalho, havendo a possibilidade de diminuir a carga horária para passar mais tempo com seus filhos, se constituiu como fonte expressiva de apoio.

Este estudo poderá contribuir para futuros programas de intervenções remetendo a importância do desempenho positivo da coparentalidade para a qualidade conjugal e o desenvolvimento da prole. Por fim, destaca-se importância de serem efetuados mais estudos nacionais sobre esse fenômeno, como estudos quantitativos, para um mapeamento de um número maior de casais.

Referências

- Aryee, S., Srinivas, E., & Tan, H. (2005). Rhythms of life: antecedents and outcomes of work-family balance in employed parents. *Journal of Applied Psychology*, 90(1), 132-146. doi:10.1037/0021-9010.90.1.132
- Barnett, R. (1998). Toward a review and reconceptualization of the work/family literature. *Genetic, Social & General Psychology Monographs*, 124(2), 125-153.
- Bauer, G., & Kneip, T. (2013). Fertility from a couple perspective: a test of competing decision rules on proceptive behaviour. *European Sociological Review*, 29(3), 535-548. doi:10.1093/esr/jcr095
- Baxter, J., Hewitt, B., & Haynes, M. (2008). Life course transitions and housework: Marriage, parenthood, and time on housework. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 259-272. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00479.x
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbaroi*, 32(1), 205-226. doi:10.17058/barbaroi.v0i0.1380

- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Florianópolis. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208-1233. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.01208.x
- Cruz, Q. S., & Mosmann, C.P. (2015). Da conjugalidade à parentalidade: vivências em contexto de gestação planejada. *Aletheia* 47-48, 22-34.
- Demerouti, E., Bakker, A., & Schaufeli, W. (2005). Spillover and crossover of exhaustion and life satisfaction among dual-earner parents. *Journal of Vocational Behaviour*, 67, 266-289. doi:10.1016/j.jvb.2004.07.001
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231. doi:10.1590/s0102-37722000000300005
- Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting behavior in economically disadvantaged single parent African American families: The role of maternal psychological functioning. *Journal of Family Violence*, 22, 621-630. doi:10.1007/s10896-007-9114-y
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131. doi:10.1207/S15327922PAR0302_01
- Franco, M. (2005). *Análise de conteúdo*. (2a ed.). Brasília: Líber Livro Editora.
- Grzywacz, J., Almeida, D., & McDonald, D. (2002). Work-family spillover and daily reports of work and family stress in the adult labor force. *Family Relations*, 47, 255-266. doi:10.1111/j.1741-3729.2002.00028.x
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: Compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, (41), 119-147. Retrieved from <http://goo.gl/CaVBQk>
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2010). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414-421. Retrieved from <http://goo.gl/6VABUx>
- Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117-156. doi:10.1037/a0031427
- Jacobs, J. A., & Gerson, K. (2004). *The time divide: work, family and gender inequality*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118. doi:10.1037/a0020802
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicol. Estud.*, 15, 205-216. doi:10.1590/S1413-73722010000100022
- Lavee, Y., & Katz, R. (2002). Division of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 27-39. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00027.x
- Lee, C. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and fathers involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5(2). Retrieved from <http://goo.gl/ehmfkM>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando famílias*, 18(1), 78-91. Retrieved from <http://goo.gl/rz5KBP>
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing? Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior and Development*, 30(1), 63-81. doi:10.1016/j.infbeh.2006.11.007
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In Bornstein, M. (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 75-107). New Jersey: Erlbaum.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico USF*, 12(1), 83-93. doi:10.1590/S1413-82712007000100010
- Minayo, M. C. S. (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (3a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Morril, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Cordova, J. V. (2010). Pathways from Marriage and Parenting for Wives and Husbands: The Role of Coparenting. *Family Process*, 49, 59-73. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento [NIEPED] (2006). *Entrevista sobre coparentalidade*. Porto Alegre: NIEPED – UFRGS.
- Oliveira, R. B., Galdino, D. P., Cunha, C. V., & Paulino, E. D. F. R. (2011). Gravidez após os 35: uma visão de mulheres que viveram essa experiência. *Corpus et Scientia*, 7(2), 99-112. Recuperado de: <http://goo.gl/dNbo1M>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T. D., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol. Estud.*, 13(1), 63-72. doi:10.1590/S1413-73722008000100008
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.*, 17(3), 303-314. doi:10.1590/s0102-79722004000300003
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicol. Clin.*, 23(1), 103-118. doi:10.1590/S0103-56652011000100007
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: a fase de aquisição. *Psicol. Rev.*, 17(2), 211-225. doi:10.5752/P.1678-9563.2011v17n2p211
- Schupp, T. R. (2006). *Gravidez após os 40 anos de idade: análise dos fatores prognósticos para resultados maternos e perinatais diversos*. São Paulo: USP.
- Soares, D. A. M. (2012). *Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, Portugal.
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting*, 10, 286-307. doi:10.1080/15295192.2010.492040
- Vanalli, A. C. G., & Barham, E. J. (2012). Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. *Psicol. Soc.*, 24(1), 130-138. doi:10.1590/S0102-71822012000100015
- Zavaschi, M. L., Costa, F., Brunstein, C., Kruter, B. C., & Estrella, C. G. (1999). Idade materna avançada: Experiência de uma boa interação. *Rev. Psiquiatr. Rio Gd Sul*, 21(1), 16-22.

Conjugality and late coparenting

Conjugalidade e coparentalidade tardia

Conyugalidad y coparentalidad tardía

Daiana Quadros Fidelis¹

Denise Falcke²

Clarisse Pereira Mosmann³

^{1,2,3} *Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Brasil*

Abstract: This study aimed to understand the transition from conjugality to late coparenting in dual career-couples. Five heterosexual couples in which women got pregnant after aging 35 years old, displaying professional activities, and having a firstborn child aged up to one year old participated in the study. Exclusion criterion was participants who have undergone any type of fertilization treatment. Instruments were a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The results point out changes in marital and coparenting relations. Fathers demonstrated to be collaborative throughout gestation period and mainly after child's birth, splitting care tasks with their wives, as well as home tasks, which were reflected in high levels of coparenting agreements articulated with good marital quality. Although the investigated couples demonstrated high workloads, the majority of them seemed satisfied about their jobs due to employment flexibility, thus parents were able to conciliate their career with parenting.

Key Words: conjugality, coparenting, late gestation, dual career couples, qualitative investigation

Resumo: Este estudo buscou compreender a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia em casais com dupla carreira. Teve âmbito exploratório, descritivo e qualitativo. Participaram cinco casais heterossexuais, ambos com profissionais, filho primogênito de até um ano de idade e com mais de 35 anos. Como critério de exclusão, não poderiam ter realizado tratamento de fertilização. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista. Os resultados apontaram modificações nas relações conjugais e coparentais. O pai se mostrou presente durante a gestação e principalmente depois do nascimento do filho, dividindo as tarefas de cuidados e tarefas domésticas, refletindo altos níveis de acordo coparental e, boa qualidade conjugal. Os casais deste estudo ainda que com grande carga horária de trabalho se mostraram satisfeitos com seu emprego por terem flexibilidade, permitindo conciliar trabalho e parentalidade.

Palavras chave: conjugalidade, coparentalidade, gravidez tardia, casal de dupla carreira, pesquisa qualitativa

Resumen: Este estudio buscó comprender la transición de la conyugalidad para la coparentalidad tardía en parejas de doble carrera. Tuvo alcance exploratorio, descriptivo y cualitativo. Participaron cinco parejas heterossexuales, profesionales, hijo primogénito hasta un año de edad, y mujeres mayores de 35 años. Como criterio de exclusión, no podían haber hecho tratamiento de fertilización. Se utilizó un cuestionario sociodemográfico y una entrevista. Los resultados han señalado cambios en la conyugalidad y coparentalidad. El padre se mostró presente durante el embarazo y en especial después del nacimiento del hijo, compartiendo las tareas de atención, así como las tareas del hogar, lo que refleja los altos niveles de acuerdo coparental y una buena calidad conyugal. Las parejas de este estudio aunque con una alta carga horaria de trabajo, se mostraron satisfechas con su empleo por tener flexibilidad, lo que les permite conciliar trabajo y parentalidad.

Palabras clave: conyugalidad, coparentalidad, embarazo tardío, parejas de doble carrera, investigación cualitativa

Received: 01/02/2017

Revised: 21/06/2017

Accepted: 09/08/2017

How to cite this article:

Quadros Fidelis, D., Falcke, D., & Pereira Mosmann, C. (2017). Conjugality and late coparenting. *Ciencias Psicológicas*, 11(2), 189-199. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1490>

Correspondence: Daiana Quadros Fidelis. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rua Visconde de São Leopoldo, 80 – 93025-400 São Leopoldo, Brasil, e-mail: fidelisdaiana@gmail.com. Denise Falcke, e-mail: dfalcke@unisinos.br; Clarisse Pereira Mosmann, e-mail: clarissepm@unisinos.br

Introduction

The transition from conjugality to coparenting is a moment of great importance in the family life cycle, as it demands a reorganization of the couple, since it generates changes in the image of the self, the other and the relationship itself (Prati & Koller, 2011). This moment of the evolutionary lifecycle, focusing on parenting, has been studied in the Brazilian and international context for more than 30 years and the results indicate the importance of emotional support between the spouses at that moment time, as well as the involvement of both in the process (Dorsey, Forehand, & Brody, 2007; Teubert & Pinquart, 2010; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004; Piccinini, Gomes, Nardi, & Lopes, 2008; Menezes & Lopes, 2007; Lee & Doherty, 2007; Beltrame & Botolli, 2010). Specifically about the transition to coparenting, studies remain scarce. The relevance of studying this dimension in this process is maintained, unlike parenting, as a construct of a relational nature between the spouses / parents.

Coparenting is understood as the sharing of the child's care and duties between the couple (Feinberg, 2003). The coparental subsystem is based on four dimensions: agreement or disagreement on parental practices, division of child-related work, support / sabotage of coparental role and joint management of family relationships.

This construct differs from the marital relationship, as it does not contemplate the legal, romantic, sexual, emotional and / or financial aspects, which are not related to the child's care (Feinberg, 2003, Holland & McElwain, 2013, Jia & Schoppe-Sullivan, 2011), and it is distinct from parenting, as it is not restricted to the parents' styles and practices in educating the children (McHale et al., 2002).

According to the literature, although different from conjugality, the quality levels of coparenting stem from the articulation between characteristics of the marital relationship and of parenting, which will result in the coparental dynamics between the parents (Morril, Hines, Mahmood, & Cordova, 2010). In this sense, the emotional support between the spouses has been highlighted as of great importance for the marital relation during the pregnancy, in view of the reflexes it will entail after the baby's birth. Brazilian (Menezes & Lopes, 2007) and international studies (Lee and Doherty, 2007) argue that high levels of marital quality in

the transition to parenting are essential because they are associated with the father's increased involvement with the children. It should be emphasized that this dynamic should be established prior to the transition, as the difficulties inherent in the process are inevitable.

There is a consensus in the literature on the importance of conjugality in the transition to coparenting and, consequently, in the psychological adjustment of the children and the family functioning (Dorsey et al., 2007; Teubert & Pinquart, 2010; Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010). This subsystem needs to be understood in a current context of multiple demands though. Couples are currently reconciling personal, marital, family and professional life, which leads to a burden as a consequence of the multiplicity of roles (Lamela et al., 2010).

Therefore, the question raised is how the transition from conjugality to coparenting occurs in the dual-career context of the spouses, who are working full-time (Heckler & Mosmann, 2014). Demands of personal, marital and professional life and also childcare lead to challenges and overloads (Aryee, Srinivas, & Tan, 2005; Demerouti, Bakker, & Schaufeli 2005), characterizing one of the greatest challenges in the lives of dual-career families, which has made many couples postpone maternity / paternity.

Some studies indicate that many women postpone having children because they first want to gain financial stability, focused on solidifying their career and gaining professional success, and then think about getting pregnant. This extension of maternity is done until achieving the condition the couple considers appropriate for this responsibility or, even, the option for non-maternity (Grzywacz, Almeida, & McDonald, 2002).

The postponement of maternity / paternity has also occurred due to options not related to professional life, as shown in the research by Ronchi and Avellar (2011). The results indicated that the decision to have children later came from both the woman and the man, linked to the desire to carry out other plans before entering into parenting. Among the causes for late pregnancies, above 35 years, there is the widespread availability of contraceptive methods, the delay of marriage, the higher incidence of divorces, the desire to reach a higher educational and professional level, to achieve safety and financial independence, to accomplish dreams, to enjoy travel and enter-

tainment, and to improve artificial fertilization techniques (Zavaschi, Costa, Brunstein, Kruter, & Estrella, 1999; Schupp, 2006).

In the study by Bauer and Kneip (2013), couples' decision to have children late was associated with the consonance of the two partners' desires. Studies indicate that this alignment is associated with good levels of marital quality that entail higher levels of coparental adjustment after the birth of the child (McHale & Rotman, 2007; Vanalli & Barham, 2012). This adjustment appears in the literature also associated with greater paternal involvement in this context of multiple demands (Piccinini et al., 2004; Beltrame & Botolli, 2010). The results indicate that the spouses report providing emotional and material support to their wives during pregnancy, who show satisfaction. Due to the long working day, spouses end up having little leisure time with their children, but they evaluate to be affectionate and say that when they are present, they share the responsibilities for the children with their wives.

Although male participation in childcare and household chores is increasingly balanced with female involvement (Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), women still devote twice as much as men to taking care of the children, washing and ironing clothes, buying groceries, cleaning the house, among others (Baxter, Hewitt, & Haynes, 2008; Hernandez & Hutz, 2010; Vanalli & Barham, 2012). The question is raised whether currently, the option to get pregnant after the age of 35, after the spouses have reached professional stability, can occur in an environment in which both can have more time to share tasks after the birth of the children. In addition, support from the workplace becomes critical.

The results by Oliveira, Galdino, Cunha and Paulino (2011), who qualitatively analyzed the experience of pregnancy in women after 35 years of age, show that, being financially consolidated and living in a stable marital union, women were able to choose to reduce their workload and to be closer to their children. The results of the study by Cruz and Mosmann (2015), which aimed to understand the perceptions of couples about their marital relationship in the transition to parenthood in the context of planned pregnancy, corroborate this perspective. The couples reported that the length of the relationship prior to parenting and the fact that they had already completed their academic and professional plans were fundamental for both to

be more available and for the transition process to occur in a less wearisome manner for the couple.

On the other hand, some studies report that the difficulties in the process of transition to coparenting would be the same as in pregnancies of couples before 35 years, associated with physical exhaustion due to the few hours of sleep, added to domestic tasks, as well as a decreased investment in the professional career, which implies a high financial cost. In addition, the wear in the marital relationship of these couples who take longer to have children is noteworthy, as they often lived a significant time only between the two, resenting more because they spend less time just the two, which is reflected in their sexuality (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

It is identified that the emotional implications of this context of pregnancy over 35 years of age and dual career in the transition from conjugality to coparenting still require more national studies. Considering this scenario of transformations, we sought to investigate the transition from conjugality to late coparenting in couples with a dual career.

Materials and Methods

Design

A qualitative and exploratory research was undertaken.

Participants

Five heterosexual couples with first-born children, conceived by women over 35 years of age, both working and living in metropolitan Porto Alegre, participated in this study. The number of five couples was defined by the difficulty found in accessing couples who met the criteria for inclusion in the sample and who felt comfortable talking about their experiences, since many women after 35 years of age have already made attempts to become pregnant, which were not successful, making them feel uncomfortable. Inclusion criteria were: spouses who were married or had lived together for at least two years; only one child up to one year of age; in a dual career. As exclusion criteria, the participants could not have undergone any type of fertilization treatment, since the aim was to investigate couples who chose pregnancy after the age of 35, without any biological impediment.

As shown in Table 1, participants were

between 33 and 56 years of age, with work hours starting at 35 hours per week. Regarding the couples' education, two finished high school, four held a technical degree and four an undergraduate degree. In relation to marital status, only one couple does not live with a fixed partner or is married, but merely lives together. Of the five participating couples, three of the mothers were on maternity leave, and were consequently taking care of the children. In the other two couples, the children were already attending school.

Ethical procedures and data collection

After the University's Ethics Committee had approved the study under opinion 15/231, the data collection started. The participants' selection process was by convenience. The couple was invited to participate in the research, signed the Free and

Informed Consent Form and answered the interview by the researcher.

Instruments

- *Sociodemographic data questionnaire.* Developed by the authors of the research, aimed to collect information on the family, such as the education level, length of the relationship, professional information.

- *Interview on coparenting.* The semistructured interview on coparenting contains 31 questions and addresses the following axes: Conjugality, Care Sharing, Engagement in activities with the family and Career. It was developed by the Study and Research Group on Developmental Disorders at Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Study and Research Group on Developmental Disorders -NIEPED-, 2006) and adapted to address the research objective.

Table 1.
Family Characteristics

	Couple 1		Couple 2		Couple 3	
	Paula	César	Maria	Júlio	Leticia	Marcos
Age	39	38	35	33	36	35
Education	Higher	Technical	Higher	Higher	Technical	Technical
Profession	Teacher	Nursing technician	Psychologist	Bank clerk	HR analyst	Electrotechnician
Work hours	40h/week	60h/week	40h/week	40h/week	50h/week	45h/week
Brings work home	Yes	No	Not anymore	No	Not anymore	No
Marital status	Fixed partner		Married		Fixed partner	
Length of marriage	8 years		13 years		9 years	
Number of child(ren)	1 child		1 child		1 child	
Age of child(ren)	4 months		3 months		7 months	
School attendance	-		-		-	
Since when	-		-		-	
School period	-		-		-	
Support network (domestic aid)	Yes, every two weeks		No		Yes, weekly	

Continuation table 1.
Family Characteristics

	Couple 4		Couple 5	
	Célia	Renato	Júlia	Roberto
Age	38	49	46	56
Education	Technical	Secondary	Higher	Secondary
Profession	Nursing technician	Fiscal Operacional Segurança	Public servant	Merchant
Work hours	60h/week	50h/week	35h/week	45h/week
Brings work home	No	No	Not anymore	No
Marital status	Married		Living together	
Length of marriage	8 years		10 years	
Number of child(ren)	1 child		1 child	
Age of child(ren)	1 year		1 year	
School attendance	Yes		Yes	
Since when	15 days		3 months	
School period	Afternoon		Morning/Afternoon	
Support network (domestic aid)	Yes, monthly		Yes, twice a week	

Data analysis procedure

Content analysis was used, which according to Minayo (1994) is a data analysis procedure that is intended to examine the communication with the aim of obtaining indicators that permit knowledge inferences on the conditions in which the messages are produced. The recorded and transcribed interviews were submitted to content analysis and the categories were defined in a mixed form, *a priori* and *a posteriori* (Franco, 2005). The *a priori* categories were based on the interview about coparenting and the *a posteriori* categories emerged from the interviews.

Results and Discussion

The structure of the categories and subcategories used is displayed in Table 2. The participants' statements were fully transcribed and discussed in light of the theoretical framework proposed in the introduction.

Table 2.

Structure of Categories and Subcategories

Categories	Subcategories
Conjuality	Before child's birth
	After child's birth
Coparenting	Sharing of tasks involving the child
	Sharing of household tasks
Dual – Career/ Dual – Work	

Conjugality

This category addresses contents on how the couples related before and after the motherhood/fatherhood, their marital dynamics and the transformations after the child's birth.

Before the child's birth

Before the birth of their child, Paula and César report that they used to go out a lot, were active and participated in a motorcycle group. Confirming this idea, Maria says "It's just that routine thing really, which has changed. Let's go out at night? Let's go, at large, without giving explanations"(Maria, Couple - 2).

Celia and Renato confirm these ideas by pointing out that, before they had their daughter, the couple focused on their interests, were active and liked to travel.

These statements are in line with the results of the research by Ronchi and Avellar (2011), which pointed out that couples currently wish to perform other activities before getting into parenting, to enjoy their freedom, a reality the couples of the present study had also experienced.

On the other hand, Maria and Júlio say that, before the pregnancy, their dynamics were not very different, that what has changed were routine questions, which is more organized now, as expressed in: "I do not know if it is very different from what we are now, in fact, in terms of relationship level it is basically the same thing"(Júlio, Couple - 2).

It should be noted that, despite these changes pointed out by the spouses in the transition from conjugality to coparenting, this did not take the form of divergences and conflicts. This result supports the research by Menezes and Lopes (2007) and Lee and Doherty (2007), in which the results showed that high levels of marital quality in the transition to parenthood are essential to maintain satisfaction with the relationship despite the difficulties inherent in this process. Nevertheless, these dynamics should be established prior to the transition.

The couples in the present study already experienced good levels of marital satisfaction before the birth of their children, with conflicts inherent in any two-way relationship: "It was good, it was fighting, but it was good" (Roberto, Couple - 5). After that, conflicts are expected, but they do not

significantly impact on marital satisfaction: "Every once in a while a small fight happens, but this is normal, but otherwise it is always well" (Marcos, Couple - 3).

After the birth of the child

In addition to not reporting high levels of conflict, couples report higher levels of satisfaction after the child's birth. Paula and César say they are more united after the birth of their child, experiencing higher levels of marital satisfaction. Paula justifies that now they have to work together taking care of the son, as soon as they had the news of the pregnancy the union became more solid and her husband is more attentive to her, as she says:

"It's because we have to work together, take care of him together, so I think we're even more united, as soon as we found out that I was pregnant, and he started to pay more attention to me, right, takes care of me more, and woman like that, right, so I think it considerably enhanced the relationship. "(Paula, Couple - 1).

Maria and Júlio argue that their marital life is well, that whenever they can, they manage to go out and have fun: "Within the time that we can stay together, it's okay, when possible the grandmothers are around, we can leave her to go for a walk and so" (Júlio, Couple - 2).

In the same sense, Célia and Renato say that, after their daughter was born, they have more tasks, but they feel satisfied with this new dynamic: "Look ... it is much more tumultuous, but it gives a feeling that it is complete" (Célia, Couple - 4). These data are in line with the study by Bossardi (2011) in that, the more satisfied with the marital relationship, the more the father engages in basic care for the children, which offers positive feedback for the marital and family dynamics.

On the other hand, Roberto indicates that the change was significant in the conjugality, especially the sexual life being restricted due to the lack of time and fatigue: "Wow, it was like, very intense, it was very intense, we had a very different life and today it's when it's possible, right, when it's possible, when you're not tired" (Roberto, Couple - 5).

Leticia and Marcos' statements support the previous couple and describe that the sexual life after the daughter's birth is "stopped", because at times the daughter wakes up and needs care, as

they report: “It’s kind of stopped, right love? We date when we can, and it is also difficult for us to go out” (Leticia, Couple - 3).

This transition period is significant in the family lifecycle because it generates changes in the image of the self, the other and the relationship. So the spouses who previously had their lives and desires now need to reorganize and establish new roles (Prati & Koller, 2011).

It is observed that couples reported significant changes in conjugality and, for some, this transformation appears more incisively, entailing further negative repercussions. That is so because it is the marital space that is more constrained, especially for these couples that chose to take longer to have children. They often spent significant time just the two of them. Hence, some couples resent spending less time as a couple, which is reflected in the sexuality, while others don’t. The coparenting seems to have approached the couple further, producing a feeling of union in the marital relationship (Soares, 2012; Matos & Magalhães, 2014).

Coparenting

This category covers issues related to sharing in childcare. Unlike the marital relationship, the coparenting relationship is triadic, as it involves the parental pair and the child, establishing a specific dynamic (Feinberg, 2003; Holland & McElwain, 2013; Jia & Schoppe-Sullivan, 2011).

Paula and César express that they divide the tasks related to the child, not overloading one or the other, as evidenced by the following statements:

“I feed him, he takes him, he burps, or he washes him and I make the bed, we are dividing this step well, so, not leaving everything on one side, if one sees that the other is tired, he takes the baby and takes care of, and goes to sleep, as he did when he arrived today, he saw and stayed with the baby and I went to sleep, so we are dividing” (Paula, Couple - 1).

Leticia and Marcos corroborate this discourse and say that they are dividing the tasks in relation to their daughter, according to the time each person has:

“It’s because like this, [...] ... he puts her clothes to wash and folds her clothes, sometimes I wash them, sometimes I fold them, he stays with her so I can take a shower, to eat, I stay with her, the only thing that I do is the part of the bath and

change her, but the rest he participates” (Leticia, Couple - 3).

Célia and Renato also share the tasks in relation to their daughter, but they say they have done this since the beginning of the relationship, before the birth of their daughter: “If you come home and were unable to do the dishes, I’ll do it somehow, I’ll wait for Lara to sleep, I go there and get the job done” (Renato, Couple - 4). “It’s from the beginning, we always share everything, if I did not have time to bathe her he does so, easily” (Célia, Couple - 4).

Marie and Júlio say they do not have specific tasks, what is more specific is related to the night, which Maria is responsible for during the week, while Júlio takes care of their daughter at weekends:

“[...] Look, we do not have specific tasks of one or specific of the other, the only thing that we have more specific are the early mornings during the week because of my work, there [...] the early mornings during the week she takes care and, when the next day is not a working day, I give her a break, but the rest of the activities with her are well divided so, it’s actually who’s with her at that moment, so that one person is not responsible for everything” (Júlio, Couple - 2).

In relation to the tasks of picking up and taking the child or going to doctors, couples also have an organization that, in some cases, involves the extended family. In the case of Renato, who cannot take his daughter to school because he is working, Célia takes on this role and, when Renato is at home, he always picks up his daughter: “As for taking, he can’t, because he is working so it’s always me who takes her with the support of my father and my mother and, to pick her up, if he is at home he goes” (Célia, Couple - 4).

Roberto and Julia are very flexible, when one cannot pick up the child, the couple communicates. The couple Marcos and Leticia, in relation to taking and picking up their daughter at the grandmother’s, the two do this together.

As we can see, the couples show each other support in the tasks in relation to the child, with a division between the spouses. It is noteworthy that most of the coparenting issues reported by couples refer to tasks involving the children. This probably expresses the momentum of the lifecycle, with children still very small, without demand to express other coparenting dimensions. The literature indicates that coparental support between spouses

is also expressed in higher levels of marital satisfaction and entails more significant repercussions than spouses who only divide domestic tasks, but not the tasks related to children (Piccinini et al., 2004; Beltrame & Botolli 2010). Thus, coparenting is very important, including the balance between paternal and maternal involvement, for the quality of this transition process.

Sharing of housework

This subcategory relates to how couples have divided the household chores after the birth of the child, emphasizing an egalitarian process. Paula says that César does a lot and already did so during the pregnancy, because she had already lost a baby, she had some limitations and her belly was already large, but whenever she could and can, she does the chores.

“When I was pregnant, I was not doing anything in here, he was doing everything, I did what I could, because my belly was very big and I had many limitations, but it really is divided” (Paula, Couple - 1).

Marcos takes care of the food and is responsible for the couple’s dog, while Leticia takes care of the daughter and cleans the house:

“He washes dishes at night, he makes breakfast and I stay with her, he is responsible for his dog, and I stay with Rafa, cleaning the house like that, I do it, I sweep, I mop the floor, take off the dust, there is a person who helps, but in daily life we divide things” (Leticia, Couple - 3).

Célia and Renato also have the help of a domestic servant, but they report dividing the chores in their daily lives: “There is a girl who comes once a month who does the heavy cleaning really, but on a day-to-day basis it’s both of us” (Célia, Couple - 4).

Regarding the domestic chores, Maria and Júlio say that they also share well, that when one is responsible for Mariana, the other uses the opportunity to do some household chores: “Who is not with Mariana (laughs), usually we are dividing like this, I do more dishes and clothes, she does more mopping and things like that, it is also a kind of rotation like this” (Júlio, Couple - 2).

Unlike the other couples, who have only some help with housework, Júlia and Roberto have full-time help. A nanny takes care of her daughter every day and also does household chores, and a

domestic servant twice a week, who leaves everything organized, even the food, because Júlia says she does not know how to cook, as follows:

“Not to mention that I do not even know, I do not even know how to make food. Then she leaves food ready and I warm it up and serve the things, and I give her food ... So there’s not so much housework” (Júlia, Couple - 5).

It is identified that the men of some couples in this study engage equally in household tasks, as opposed to what some authors argue (Baxter et al., 2008; Hernandez & Hutz, 2010), who reported that, although the men are collaborating more in housework, women still dedicate themselves twice as much to take care of the children, wash and iron clothes, buy groceries, clean the house, etc. It is noteworthy, however, that the most recent of these studies is from 2010, inferring changes in these processes over time.

The greater participation of men in household tasks is a predictor of marital satisfaction (Lavee & Katz, 2002; Coltrane, 2000; Dessen & Braz, 2000), which can be associated with good levels of marital quality reported by the couples in this study, in addition to the good levels of coparenting experienced. On the other hand, some couples, when asked if some of the activities have already caused some conflict, affirmed that this was the case, coinciding with Vanalli & Barham (2012), in that women still feel that they contribute more than the men in the housework and report a burden.

Leticia says that conflicts have occurred, as she considers herself “quarrelsome” and wants things quickly and feels overwhelmed at times:

“It has already caused [conflict], we have already fought over the tasks, I am very quarrelsome, because I think he could help a little more or be more agile in the execution of the task. And I’m nervous, right, I want things for yesterday, and sometimes there is conflict about that, right?” (Leticia, Couple - 3).

The couple Célia and Renato say they have some conflicts, but that they solve them by talking. “Yes, there is always a comment, it’s always me who does that or kind of, you do a little and do not tell me to do it then! (Laughter) But we always talk later and settle things” (Célia, Couple - 4).

These reports show that women tend to demand that men do the tasks in their way and time, which can end up leading to conflict. In the couples in this study, however, these issues are

discussed and solved, which according to Vanalli & Barham (2012) has a positive impact on the marital relationship. The following statements highlight this dynamic: “We communicate, one puts the table, the other goes there and cleans it” (Paula, Couple - 1). “I think nothing was that rehearsed in advance, things came up and it was kind of automatic, there are days when I’m super tired, when I am unable to do anything like that, and he totally supports me” (Célia, Couple - 4).

When asked how the spouses feel by assigning tasks to one another, they do not show difficulties and demonstrate satisfaction: “It is something easy for us” (Paula, Couple - 1).

It is identified that most of the men in this study showed to participate in household chores. For these couples, the division happened naturally and they do it to the extent that they have time. Despite causing small conflicts for some couples, there seems to be a relatively equalitarian division and they demonstrated satisfaction.

Dual – Career / Dual – Work

This category considers the careers of couples and the repercussions of the child’s birth, which started to require more flexibility to meet the demands. Some couples have jobs that entail significant demands and report this in the following statements:

“In my job, they demand a lot, they have a lot of work. So sometimes, if you are diffuse and end up not coping and forgetting the dates, deadlines and something that is important that should be done and you end up not doing it” (Leticia, Couple - 3).

“Mine is like, how can I say, there’s emotion and everything, because I work at the emergency, but I leave everything there, but something always ends up staying, when it ‘s a child it moves us” (César, Couple - 1). “Like, [...] ... I’m thinking about changing jobs, because I’m already close to retiring. I want something less stressful, more quiet that does not absorb me much. Because I want to have more time for the family too [...]» (Renato, Couple - 4). «[...] Ah, I have a bit more than 30 employees, right, so every day there is a problem, it’s a problem, it’s a ... I stress a lot» (Roberto, Couple - 5).

Some authors consider that all this burden of professional work can cause lack of energy or

fatigue, influencing the motivation in other roles, such as the family and home (Aryee et al., 2005; Demerouti et al., 2005). According to the literature (Grzywacz et al., 2002), the balance between work and family life is still one of the greatest challenges in the life of dual-job or dual-career families. The following statements highlight these repercussions:

“In domestic activities, it exerts influence for me, because I feel discouraged, I do not have the courage sometimes to do the things I have to do, before Rafa, I would do things by myself, I would come home from work and do it, I would clean the house, sometimes he arrived from his course about 22h / 23h and I was still cleaning up and nowadays I no longer have that disposition to do so” (Leticia, Couple - 3).

“I think so, not so much the work of the hospital, but the caregiver, as I am one of the managers I have to spend much time on the cell phone, making weekly work scales, solving these last-minute unforeseen situations, sometimes this is very exhausting, my daughter wants attention. Pedro has also complained several times that I only stay on the phone, now I have policed myself more and when necessary I ask for more respect, right?” (Célia, Couple - 4).

It is noted in the previous statements that the arrival of the children changes the dynamics between the work and the household chores, as the care for the child is a priority. Tiredness causes the household chores, for example, to fall into the background.

In this context, support from the workplace can reduce stress and also serve to approximate the professional and family roles, promoting flexibility and support for this integration. The studies by Barnett (1998) and Jacobs and Gerson (2004) stress that perceiving the supervisor’s support in terms of family matters, even if informal, entails repercussions in reducing conflicts between the professional and the family, as we can see in the following statements.

“His is a lot quieter than mine in this sense, one day Lara got sick, and he had to stay home with her, because I could not, I have a dual journey, so his is more flexible than I in this sense” (Célia, Couple - 4).

In addition, it is identified that some couples, such as Júlio and Leticia, after maternity / paternity, have reduced their working hours, choosing

no longer to bring work home, so they can spend more time with their child. This data evidences the findings of the research by Oliveira et al. (2011) in that, once financially stabilized and in a solid marital union, couples were able to choose to reduce their workload so as to be able to be closer to their children.

“For me, I had a lot more influence before Mariana was born, because it took me a lot longer to disconnect, after Mariana was born that reset lots of things for me in that sense, like [...] Now I get home and the key is already off, because she requires attention and also the part of liking to play with her” (Júlio, Couple - 2).

These results show that couples have a high weekly workload, and that some of them no longer bring chores home to increasingly dedicate themselves to their children, changing their relationship with work, so we identify that, although the work is exhausting, they are pleased to have flexibility, as mentioned earlier. Although professional practice is essential to the economic support of the family, family obligations are imposed, demanding flexibility to adapt.

Final considerations

The aim of this study was to understand the transition from conjugality to late coparenting in couples with dual careers, which we consider to have been achieved. We emphasize, however, that the findings need to be understood in view of the socioeconomic and cultural characteristics of the research sample.

In this context, the results indicate changes in marital and coparenting relationships. In particular, the parents in this study were significantly involved in the emotional and behavioral development of their children, a characteristic that used to be more attributed to women. In addition, they demonstrated participation that already started during the pregnancy and increased after birth, dividing the care for their children with their wives. This more egalitarian division of tasks concerning children and the home indicates the importance of high levels of coparenting, which are reflected in good marital quality indices. It is also important to point out that the fact that children are still small means that some dimensions of coparenting are not visible, which is likely to be expressed over the years, as a result of the educational demands and daily life of the triad's relationship.

In the transition from conjugality to coparenting, the couples in this study underwent changes in their routine. Before motherhood / fatherhood, they were more sexually and socially active, but this did not entail significant conflicts between them. On the other hand, different from the literature, some couples feel more satisfied in conjugality after the child's birth, due to the sense of union promoted by the exercise of coparenting. It is noteworthy that the couples in this study have children under one year of age, a period of intense need for care, which may promote greater and coparental support.

The study participants' high workload stands out, as well as the fact that most of them do not count on significant help, either from the extended family or from professionals, and yet did not report significant complaints of burden when having to reconcile careers and maternity / paternity. In this process, work flexibility, with the possibility of reducing the workload to spend more time with their children, was an expressive source of support.

This study may contribute to future intervention programs by referring to the importance of positive coparenting performance for marital quality and the development of the children. Finally, it is important to carry out more national studies on this phenomenon, such as quantitative studies, in order to map a larger number of couples.

References

- Aryee, S., Srinivas, E., & Tan, H. (2005). Rhythms of life: antecedents and outcomes of work-family balance in employed parents. *Journal of Applied Psychology*, 90(1) 132-146. doi:10.1037/0021-9010.90.1.132
- Barnett, R. (1998). Toward a review and reconceptualization of the work/family literature. *Genetic, Social & General Psychology Monographs*, 124(2), 125-153.
- Bauer, G., & Kneip, T. (2013). Fertility from a couple perspective: a test of competing decision rules on proceptive behaviour. *European Sociological Review*, 29(3), 535-548. doi:10.1093/esr/jcr095
- Baxter, J., Hewitt, B., & Haynes, M. (2008). Life course transitions and housework: Marriage, parenthood, and time on housework. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 259-272. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00479.x
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbaroi*, 32(1), 205-226. doi:10.17058/barbaroi.v0i0.1380
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Florianópolis. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208-1233. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.01208.x

- Cruz, Q. S., & Mosmann, C.P. (2015). Da conjugalidade à parentalidade: vivências em contexto de gestação planejada. *Aletheia* 47-48, 22-34.
- Demerouti, E., Bakker, A., & Schaufeli, W. (2005). Spillover and crossover of exhaustion and life satisfaction among dual-earner parents. *Journal of Vocational Behaviour*, 67, 266-289. doi:10.1016/j.jvb.2004.07.001
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231. doi:10.1590/s0102-37722000000300005
- Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting behavior in economically disadvantaged single parent African American families: The role of maternal psychological functioning. *Journal of Family Violence*, 22, 621-630. doi:10.1007/s10896-007-9114-y
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131. doi:10.1207/S15327922PAR0302_01
- Franco, M. (2005). *Análise de conteúdo*. (2a ed.). Brasília: Líber Livro Editora.
- Grzywacz, J., Almeida, D., & McDonald, D. (2002). Work-family spillover and daily reports of work and family stress in the adult labor force. *Family Relations*, 47, 255-266. doi:10.1111/j.1741-3729.2002.00028.x
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: Compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, (41), 119-147. Retrieved from <http://goo.gl/CaVBQk>
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2010). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico*, 40(4), 414-421. Retrieved from <http://goo.gl/6VABUx>
- Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117-156. doi:10.1037/a0031427
- Jacobs, J. A., & Gerson, K. (2004). *The time divide: work, family and gender inequality*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jia, R., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106-118. doi:10.1037/a0020802
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicol. Estud.*, 15, 205-216. doi:10.1590/S1413-73722010000100022
- Lavee, Y., & Katz, R. (2002). Division of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 27-39. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00027.x
- Lee, C. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and fathers involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5(2). Retrieved from <http://goo.gl/ehmfkM>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando famílias*, 18(1), 78-91. Retrieved from <http://goo.gl/rz5KBP>
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing? Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior and Development*, 30(1), 63-81. doi:10.1016/j.infbeh.2006.11.007
- McHale, J., Khazan, I., Erera, P., Rotman, T., DeCoursey, W., & McConnell, M. (2002). Coparenting in diverse family systems. In Bornstein, M. (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 75-107). New Jersey: Erlbaum.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico USF*, 12(1), 83-93. doi:10.1590/S1413-82712007000100010
- Minayo, M. C. S. (1994). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (3a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Morril, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Cordova, J. V. (2010). Pathways Between Marriage and Parenting for Wives and Husbands: The Role of Coparenting. *Family Process*, 49, 59-73. doi:10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x
- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento [NIEPED] (2006). *Entrevista sobre coparentalidade*. Porto Alegre: NIEPED – UFRGS.
- Oliveira, R. B., Galdino, D. P., Cunha, C. V., & Paulino, E. D. F. R. (2011). Gravidez após os 35: uma visão de mulheres que viveram essa experiência. *Corpus et Scientia*, 7(2), 99-112. Recuperado de: <http://goo.gl/dNbo1M>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T. D., & Lopes, R. S. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicol. Estud.*, 13(1), 63-72. doi:10.1590/S1413-73722008000100008
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.*, 17(3), 303-314. doi:10.1590/s0102-79722004000300003
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicol. Clin.*, 23(1), 103-118. doi:10.1590/S0103-56652011000100007
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: a fase de aquisição. *Psicol. Rev.*, 17(2), 211-225. doi:10.5752/P.1678-9563.2011v17n2p211
- Schupp, T. R. (2006). *Gravidez após os 40 anos de idade: análise dos fatores prognósticos para resultados maternos e perinatais diversos*. São Paulo: USP.
- Soares, D. A. M. (2012). *Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, Portugal.
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting*, 10, 286-307. doi:10.1080/15295192.2010.492040
- Vanalli, A. C. G., & Barham, E. J. (2012). Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. *Psicol. Soc.*, 24(1), 130-138. doi:10.1590/S0102-71822012000100015
- Zavaschi, M. L., Costa, F., Brunstein, C., Kruter, B. C., & Estrella, C. G. (1999). Idade materna avançada: Experiência de uma boa interação. *Rev. Psiquiatr. Rio Gd Sul*, 21(1), 16-22.